

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

TRÊS NOTAS (MUITO PESSOAIS) SOBRE OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA

Luís Raposo*

1. **O homem.** A primeira impressão que me vem ao espírito quando recordo, com saudade, Octávio da Veiga Ferreira é a do espírito livre e mesmo combativo que todos os que com ele privaram lhe reconheciam. Sempre apreciei em elevado grau estas qualidades, especialmente num tempo em que frontalidade rimava com coragem e vivíamos em quase todos os meios, inclusive no da arqueologia, um ambiente acomodatório e cinzento.

Não sei em que grau exacto contribuiu Veiga Ferreira para o percurso que eu vim a seguir, numa aproximação crescente aos estudos sobre Pré-História Antiga, intimamente ligados aos enfoques disciplinares das Ciências da Terra. Bem vistas as coisas e com a isenção que a distância do tempo permite, creio que foi uma influência muito maior do que eu poderia supor ou até aceitar. Nada de mais refrescante para um estudante de Letras do que a autenticidade telúrica da ligação à terra que Veiga Ferreira nos oferecia, ainda por cima num quadro de grande (para a época inusitada) convivialidade e abertura aos jovens. Numa altura em que a ideia da interdisciplinaridade não passava ainda na minha cabeça de propósito algo piedoso, Veiga Ferreira foi quem, pelo que escreveu e pelas lições informais que nos dava, mais contribuiu para dar conteúdo prático àquele propósito.

Foi ainda Veiga Ferreira quem melhor me ensinou o sentimento da lealdade e do reconhecimento científico. Aprendi por exemplo com ele pela primeira vez a usar a palavra “mestre”, aplicada ao nosso bom e grande “mestre Zby” – que assim ele tratava, com tal carinho que me tocava o coração. E manteve ao longo de toda a vida, não obstante as vicissitudes do tempo, uma sincera admiração pela sua pessoa, como aliás tive o imenso gosto de lhe dizer pessoalmente, cara a cara como ele apreciava, quando nos abraçámos comovidamente depois de se ter desfeito o equívoco quanto a uma suposta (e inexistente) participação minha numa qualquer iniciativa que o tinha profundamente magoado.

2. **O investigador.** Entre as mais de três centenas de trabalhos publicados por Octávio da Veiga Ferreira, permito-me, por questões de espaço e sobretudo de competência científica, escolher somente alguns, todos relacionados com estudos sobre Pré-História Antiga, para através deles procurar expressar a situação, por ventura incómoda se não fossem as características humanas indicadas no ponto anterior, de como a divergência científica, desde que assumida com frontalidade e movida pelo espírito permanente da aprendizagem, pode ser um factor motivador do conhecimento e até do reforço dos laços de amizade.

Veiga Ferreira, na maior parte dos casos em colaboração com outros membros da chamada “escola dos Serviços Geológicos”, foi autor de dezenas de estudos sobre indústrias paleolíticas, em regiões muito variadas (Jorumenha, Caia, Montalvão, Torres Novas, Rio Maior, Santo Estevão, Mato Miranda, Milfontes, Caldas da Rainha, Óbidos,

* Director do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. director@mнарqueologia-ipmuseus.pt

etc.). Num deles pelo menos, sobre Carreço, chegou ser colaborador de Breuil e Zbyszewski, que ele e todos nós tanto admirávamos. De um modo geral, estes trabalhos seguem metodologias de estudo das indústrias líticas que a geração a que pertenceo procurou limitar ou até abandonou. Refiro-me, entre outros, ao chamado “método das pátinas” ou “das séries”. Mas a verdade é que em não poucos dos estudos referidos esse método aparecia como o único possível para usar, especialmente porque se tratava de recolhas de superfície. E, no fim de contas, o que ressalta é que assim se registaram ocorrências que de outra forma se perderiam por completo, ficando ainda aberto o caminho para que outros, voltando aos mesmos locais, possam tentar ir mais longe, nomeadamente através da identificação de horizontes em camada, quando os houver.

Dito isto, importa sublinhar, ao invés, os numerosos casos em que Veiga Ferreira foi precursor, tendo até, com frequência, de enfrentar a crítica, senão a animosidade, do *establishment* científico da sua época. O exemplo mais flagrante que me ocorre é o da sobrevivência tardia dos neandertais em Portugal, hoje pacificamente aceite. Foi Veiga Ferreira quem, no final dos anos 60 do século passado, primeiro defendeu que o Mustierense e o Homem de Neandertal poderiam aqui ter subsistido até muito tarde, quando o Homem Moderno e o Paleolítico Superior já existiriam em todo o restante espaço ibérico, inclusive em certas zonas do actual território português. Fê-lo com base em datações obtidas por Jean Roche na Gruta Nova Columbeira (as quais o próprio Jean Roche nunca publicou, por considerá-las inverosímeis e talvez também por temor da reacção dos meios científicos na altura) e noutras que ele próprio, segundo nos dizia, providenciara obter na Alemanha.

A mesma audácia de pensamento vem a ser encontrada anos mais tarde a propósito das indústrias de seixos talhados, presumivelmente pré-acheulenses. Acrescentava-se aqui, todavia, o sentido de homem do terreno que lhe era peculiar. Depois de durante alguns anos ter resistido à ideia de que poderiam ter existido no nosso País presenças humanas muito arcaicas, anteriores à “civilização do biface” (quando tais ideias decorriam apenas da análise por atributos de seixos talhados, então ensaiadas por estudantes de Letras, entre os quais eu me contava), Veiga Ferreira veio desde o início dos anos 80 a defender ele próprio, com fundamentos geológicos, a existência de tais horizontes de ocupação humana, de que fez aliás a primeira síntese em 1984. De resto, outra faceta não menos importante da obra de Octávio de Veiga Ferreira foi a da importância dada aos textos de síntese e divulgação, de que são exemplo os que dedicou ao Paleolítico Superior em geral e especialmente aos adornos daquele período.

Finalmente, não poderia deixar de evocar a contribuição de Veiga Ferreira para a revisão das ideias acerca do Mirensense, que aliás estiveram na base do texto que, em sua homenagem, tive o grande prazer de escrever para o volume *Da Pré-História à História*. Trata-se de mais um exemplo de como os ensinamentos do terreno eram o que principalmente conduzia o seu pensamento. Após anos e décadas em que se atribuiu àquele complexo industrial uma cronologia total ou essencialmente Paleolítica, aliás antiga (Paleolítico Médio), os trabalhos de prospecção muito sistemática e escavação empreendidos no litoral do Alentejo, entre Milfontes e Cabo Sardão, por vários colaboradores dos Serviços Geológicos, entre os quais cumpre salientar Carlos Penalva, levaram a que Veiga Ferreira procedesse a profunda revisão das ideias anteriores e reconhecesse ao Mirensense, pelo menos parcialmente, uma cronologia pós-glaciária.

Poderia continuar a multiplicar os exemplos. Repetir-se-iam as situações em que nem sempre concordei com Veiga Ferreira, mas em que, com o tempo, acabámos por ter perspectivas muito próximas. Apenas me ocorre recordar um caso contrário, o da datação essencialmente pré-histórica da arte rupestre do vale do Tejo. Nenhuma divergência prejudicou, porém, o imenso respeito pessoal e científico que sempre lhe tive e a aprendizagem que ele me fez ter de que, citando Camões, “a experiência é a mãe de todas as coisas”.

3. O conservador e colaborador do MNA. Permita-se que a terminar não deixe de referir algo sobre a ligação de Octávio da Veiga Ferreira ao Museu Nacional de Arqueologia (MNA), cuja direcção tenho actualmente o privi-

légio de assumir. Trata-se de uma relação que vem de longa data. Em rigor, ela começa no momento mesmo em que Veiga Ferreira despertou para a Arqueologia, já que, como ele sublinhava, esse gosto lhe veio aquando a visita que fez em 1932 às escavações dirigidas por Manuel Heleno nas grutas do Casal da Vila Chã, na Amadora.

Claro que o “Museu de Belém” e os “Serviços Geológicos” sempre foram, especialmente durante as décadas da direcção de Manuel Heleno, duas instituições algo distantes. E não obstante ter Veiga Ferreira obviamente frequentado o Museu por diversas vezes, a colaboração regular e mais visível com o MNA apenas viria a ter lugar a partir da direcção de D. Fernando de Almeida.

Datam de 1954 os primeiros trabalhos conjuntos entre D. Fernando de Almeida e Veiga Ferreira, em terras da Idanha. É bem conhecida a aplicação que ele teve nos trabalhos da Egitânia. Como também são evidentes os traços da sua presença naquela zona, pelo estudo dos monumentos megalíticos envolventes, que ambos subscreveram. Assim, quando D. Fernando de Almeida tomou posse da direcção do MNA e pensou em reunir à sua volta um conjunto de especialistas credenciados para, em regime de voluntariado, assegurarem funções afins às de conservador, seria quase óbvio o convite a Veiga Ferreira, que viria efectivamente a desempenhar estas funções entre 1967 e 1973. Da intensa colaboração então realizada, e do espírito que a animava, dão conta as cerca de duas dezenas de estudos publicados por Veiga Ferreira em *O Arqueólogo Português*.

Infelizmente, as vicissitudes por que passou o País depois de 1974, levaram de novo, e mais profundamente, a afastar Veiga Ferreira do MNA – situação que só foi ultrapassada na segunda metade dos anos 80, conforme referi acima.

Quando em 1986 me foi confiada pelo então director do Museu a coordenação editorial de *O Arqueólogo Português*, uma das minhas primeiras medidas foi a de retomar os contactos com colaboradores antigos da revista, incitando-os a que retomassem a sua participação. Foi então que dirigi pessoalmente convite a Veiga Ferreira, recebendo dele uma adesão franca, que muito me sensibilizou. Foi assim possível publicar três trabalhos de sua co-autoria no volume de 1987, um sobre indústrias paleolíticas, outro sobre uma conta-amuleto recolhida no monumento da Tituaria (Mafra), em que também participou o organizador deste volume, e um terceiro sobre a gruta do Lugar do Canto, em Alcanede, um importante estudo que ainda hoje constitui referência básica para o conhecimento das práticas e rituais funerários neolíticos em grutas naturais.

Difícilmente muitos leitores imaginarão hoje o imenso prazer que tenho por ter estado na origem da reaproximação de Octávio da Veiga Ferreira ao Museu Nacional de Arqueologia, levando-o a retomar a colaboração na revista *O Arqueólogo Português*. Há-de parecer trivial a muitos, este detalhe; mas para mim ele constitui um momento muito grato, que me há-de acompanhar para sempre e no qual vejo quase prefigurado o estilo de direcção daquela Casa centenária que até hoje tenho procurado seguir. Também nisto, Veiga Ferreira ajudou-me a ver melhor. Bem-haja.